

CADMO

REVISTA DE HISTÓRIA ANTIGA
JOURNAL FOR ANCIENT HISTORY

32



CENTRO DE HISTÓRIA DA UNIVERSIDADE DE LISBOA
2023



CADMO

REVISTA DE HISTÓRIA ANTIGA
JOURNAL FOR ANCIENT HISTORY



CADMO
REVISTA DE HISTÓRIA ANTIGA
JOURNAL FOR ANCIENT HISTORY

32

Editor Principal | Editor-in-chief
Nuno Simões Rodrigues



Centro de História da Universidade de Lisboa

2023



CADMO
REVISTA DE HISTÓRIA ANTIGA
JOURNAL FOR ANCIENT HISTORY

Editor Principal | Editor-in-chief
Nuno Simões Rodrigues

Editores Adjuntos | Co-editors

Agnès García-Ventura (Universitat de Barcelona), Breno Batistin Sebastiani (Universidade de São Paulo), Maria de Fátima Rosa (Universidade de Lisboa), Rogério Sousa (Universidade de Lisboa).

Assistentes de Edição | Editorial Assistants

Catarina Madeira, Matilde Frias Costa

Revisão Editorial | Copy-Editing

Catarina Madeira, Matilde Frias Costa

Investigadores História Antiga | Ancient History Researchers

Bruno Marques dos Santos, Joana Pinto Salvador Costa, Martim Aires Horta, Violeta D'Aguiar

Redacção | Redactional Committee

Abraham I. Fernández Pichel (Universidade de Lisboa), Agnès García-Ventura (Universitat de Barcelona), Amílcar Guerra (Universidade de Lisboa), Ana Catarina Almeida (Universidade de Lisboa), Armando Norte (Universidade de Coimbra), Breno Batistin Sebastiani (Universidade de São Paulo), Cláudia Teixeira (Universidade de Évora), Elisa Sousa Muccioli (Universidade de Lisboa), Francisco Borrego Gallardo (Universidad Autónoma de Madrid), Francisco Gomes (Universidade de Lisboa), José das Candeias Sales (Universidade Aberta), João Paulo Galhano (Universidade de Lisboa), Maria Ana Vaidez (Universidade de Lisboa), Maria de Fátima Rosa (Universidade de Lisboa), Nelson Ferreira (Universidade de Coimbra), Nuno Simões Rodrigues (Universidade de Lisboa), Rogério Sousa (Universidade de Lisboa), Saana Svárd (University of Helsinki), Susan Deacy (University of Bristol), Suzana Schwartz (Universidade de São Paulo), Telo Ferreira Canhão (Universidade de Lisboa)

Comissão Científica | Editorial and Scientific Board

Amílcar Guerra (Universidade de Lisboa), Antonio Loprieno (Jacobs University Bremen), Delfim Leão (Universidade de Coimbra), Eva Cantarella (Università degli Studi di Milano), Giulia Sissa, (University of California, Los Angeles), John J. Collins (Yale University), Johan Konings (Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia de Belo Horizonte), José Augusto Ramos (Universidade de Lisboa), José Manuel Roldán Hervás (Universidad Complutense de Madrid), José Ribeiro Ferreira (Universidade de Coimbra), Juan Pablo Vita (Consejo Superior de Investigaciones Científicas - Madrid), Judith P. Hallett (University of Maryland), Julio Treballe (Universidad Complutense de Madrid), Ken Dowden (University of Birmingham), Lloyd Llewellyn-Jones (Cardiff University), Luís Manuel de Araújo (Universidade de Lisboa), Maria Cristina de Sousa Pimentel (Universidade de Lisboa), Maria de Fátima Sousa e Silva (Universidade de Coimbra), Marta González González (Universidad de Málaga), Monica Silveira Cyrino (University of New Mexico), Sandra Boehringer (Université de Strasbourg).

Conselho de Arbitragem para o presente número | Peer reviewers for the current issue

Cláudia Teixeira (Universidade de Évora), Elisa Sousa Muccioli (Universidade de Lisboa), Francisco Gomes (Universidade de Lisboa), Francisco Salvador Ventura (Universidad de Granada), José das Candeias Sales (Universidade Aberta), Juan Luis Montero Fenollós (Universidade da Coruña), Maria Cristina de Sousa Pimentel (Universidade de Lisboa), Marta Pacheco Pinto (Universidade de Lisboa), Nelson Ferreira (Universidade de Coimbra), Vasileios Balaskas (University of Malaga).

Editora | Publisher

Centro de História da Universidade de Lisboa | 2023

Concepção Gráfica | Graphic Design

Bruno Fernandes

Periodicidade: Anual



ISSN: 0871-9527

eISSN: 2183-7937

Depósito Legal: 54539/92

Tiragem: 150 exemplares

P.V.P.: €15.00

Cadmo - Revista de História Antiga | Journal for Ancient History

Centro de História da Universidade de Lisboa | Centre for History of the University of Lisbon
Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa | School of Arts and Humanities of the University of Lisbon
Cidade Universitária - Alameda da Universidade, 1600 - 214 LISBOA / PORTUGAL
Tel.: (+351) 21 792 00 00 (Extension: 11610) | Fax: (+351) 21 796 00 63
cadmo.journal@letras.ulisboa.pt | <https://cadmo.letras.ulisboa.pt>



This work is funded by national funds through FCT - Foundation for Science and Technology under project UIDB/04311/2020 e UIDP/04311/2020.

This work is licensed under the Creative Commons Attribution-NonCommercial 4.0 International License. To view a copy of this license, visit <http://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/> or send a letter to the Creative Commons, PO Box 1866, Mountain View, CA 94042, USA.

SUMÁRIO

TABLE OF CONTENTS

09 AUTORES CONVIDADOS

GUEST ESSAYS

- 11 "INFERIOR PERO INDISPENSABLE, TEMIDA PERO TAMBIÉN, (...), DESEADA, E INCLUSO AMADA."

El peligro de lo femenino en la creación y consolidación de la comunidad de dioses y hombres

The danger of the Feminine in the creation and consolidation of the community of Gods and Men

Núria Llagüerri Pubill & Carmen Morenilla Talens

- 39 DESFAZENDO O TECIDO DE PENÉLOPE:
Cultura material, pesos de tear e a questão de gênero

UNDOING PENELOPE'S FABRIC:

Material culture, loom weights and gender studies

Arianna Esposito & Airton Pollini

61 ESTUDOS

ARTICLES

- 63 A ASCENSÃO E QUEDA DE UMA PRINCESA BABILÓNICA NO SÉCULO XIV A.C.:
Tawananna, de rainha a proscrita do Hatti

THE RISE AND FALL OF A BABYLONIAN PRINCESS IN THE 14TH CENTURY BCE:

Tawananna, from queen to outcast of the Hatti

Ana Satiro & Isabel Gomes de Almeida

- 83 VISÕES OITOCENTISTAS PORTUGUESAS SOBRE O ANTIGO EGÍPTO

NINETEENTH-CENTURY PORTUGUESE PERSPECTIVES ON ANCIENT EGYPT

João Paulo Simões Valério

- 109 REFLEXOS DE UMA CIVILIZAÇÃO:
Representações do Mundo Helénico em Espelhos Etruscos

REFLECTIONS OF A CIVILIZATION:

Representations of the Hellenic World in Etruscan Mirrors

Catarina dos Santos Madeira

129 NOTAS E COMENTÁRIOS

COMMENTS AND ESSAYS

155 RECENSÕES

REVIEWS

269 IN MEMORIAM

279 POLÍTICAS EDITORIAIS E NORMAS DE SUBMISSÃO

JOURNAL POLICIES AND STYLE GUIDELINES



RECENSÕES
REVIEWS

ANNA TIZIANA DRAGO et OWEN HODKINSON, eds. (2023), *Ancient Love Letters. Form, Themes, Approaches*. Berlin, Boston, De Gruyter, 331 pp. ISBN 978-3-11-099969-3 (124.95€).

O tema das “cartas de amor” na Antiguidade tem sido negligenciado pelas academias desde o advento da *Scholarship* moderna; o volume em apreço pretende tomar medidas contra essa tendência. A primeira, de entre tantas, divulgada pelos coordenadores A. T. Drago e O. Hodkinson na Introdução, é justamente esboçar o tópico em “género” e “sub-géneros”, assim desde o período arcaico grego até à antiguidade tardia. Para as suspeitas que a inserção da época arcaica no conjunto de períodos abrangidos possa levantar, garantem os coordenadores do volume que as dedicatórias presentes na poesia elegíaca e mélica são os pontos de partida para o debate à volta de arcos taxonómicos tão essenciais como aqueles protagonizados pelas expressões *Quellenforschung*, *Nachleben* e o putativo *Hypotext*.

O volume divide-se em três partes, respectivamente “The ‘Grammar’ of the Epistolary Genre: Structural Perspectives”, “Intertextuality: Literary Models, *Topoi*, Conventions, Imitative Strategies” e “Cultural Issues and Backgrounds”. No total, treze capítulos e o mesmo número de autores.

Para o capítulo de abertura I. Nilsson (pp. 23-37) começa por debater o conceito de género, não como uma taxonomia que se fecha sobre si mesma, mas como uma linguagem fluida e previdente capaz das mais diversas transformações. Nas palavras da A., esta recente “post-Romantic resistance to taxonomy” pressupõe um infinito número de géneros (no caso, para definir a “carta”), em directa oposição ao costumado método de categorização aristotélica que impera nas academias. É uma postura inteiramente defensável (importada de Thomas Conley) e merecedora de reflexão. Mas é uma leitura que pode admitir alguns perigos para o iniciante não especializado. Resolvendo-se a adoptá-la sem preparação (isto é, sem antes conhecer o devido *syllabus* historiográfico e os dados que o acompanham) e partindo à deriva numa barca de infinitas possibilidades de leitura para a Antiguidade, poderá o estudante que inicia o seu percurso académico almejar bom porto sem atropelos ao nível da assimilação dos dados históricos através desta metodologia? Não é certo. Será mais prudente deixar as leituras revisionistas para os especialistas bem familiarizados com os temas, até mesmo quanto a “cartas de amor”.

No segundo capítulo, R. J. G. Cejudo (pp. 39-59) parte da ambiguidade que o género da “epístola” pode representar quando posto em diálogo com outros géneros literários para depois se ocupar de uma tímida aproximação ao conceito de ἐρωτική τέχνη.

O A. traça as origens da carta de amor literária (dominante na época Imperial Romana) não apenas ao período Helenístico, mas também ao Clássico e até mesmo ao Arcaico, de que o “epigram, the idyll and even the erotic tale” e ainda o “Milesian tale” (Ésquines, epístola 10) são os principais precursores. Significativo cuidado é dado ao tratamento dos efeitos literários (assim como das funções) das cartas amorosas em diversas narrativas ficcionais para as quais são utilizadas. Se as pessoas se correspondiam amorosamente na Grécia ou não, o episódio da carta de Filipe II da Macedónia para Olympia vem esclarecer a questiúncula. O A. oferece ainda uma lista de possíveis temas acolhidos pelo género epistolográfico na literatura antiga, também comuns a outros géneros, de que os chamados “metalinguistic signs” são, porém, em contrapartida, um motivo isolado e exclusivo do género das cartas de amor.

Abre P. A. Rosenmeyer o terceiro capítulo (pp. 61-79) para falar destes sinais metalinguísticos e de metonímia: a convocação da presença humana através da carta e a natureza simbólica da alma do remetente como indexada nas palavras que escreve (as cartas de Cícero representam o *locus classicus* para este tema, em que alma e corpo estão situados no mesmo plano de convenção epistolar) não se ligam necessariamente ao tema da vivificação (tal como elaborado por Quintiliano através do fenómeno grego de *phantasia*) mas dele se aproximam a espaços. O exemplo das *Heróides* de Ovídio é a este respeito utilíssimo porque nele o *leitmotif* da presença/ausência está mais simbolicamente amplificado devido ao exílio do poeta aquando da escrita daquelas.

No capítulo quatro E. Bowie (pp. 81-100) introduz as temáticas da comunicação remota numa sociedade pré-literata e de como a transição da composição oral para a escrita modela singularmente a Grécia. As “cartas de amor” como mais tarde serão conhecidas são divisadas na sua origem como decorrentes de poemas (i.e. poesia mélica) endereçados a um recipiendário, como nos casos de estudo de Alceu, Teógnis, Píndaro, Arquiloco, Safo, Anacreonte, etc. O poema de Eveno de Paros dedicado a Simónides pôde servir de manual para canções simpóticas, um excelente exemplo do *savoir faire* da época, de que a poesia oral endereçada a jovens rapazes não presentes nos banquetes era um exemplo significativo e que o A. chama de “proto-love-letters”.

A segunda parte é inaugurada por A. D. Morrison (pp. 103-18) com a procura de *eros* nas epístolas de Platão, tema caro ao filósofo porque, como sabemos, o Sócrates dos diálogos platónicos é muitíssimo afeiçoado às temáticas do amor. Embora possamos apreciar o tom biográfico com que o A. parte para a análise (qual Stefan Zweig, em atenção às edições comentadas de Goethe), porque em directa dependência de uma contextualização biográfica que vê no texto platónico uma indexação de factos ocorridos na vida do filósofo, temos alguma dificuldade em limitar a leitura das epístolas a uma actividade não filosófica. Por essa razão, teria sido bastante instrutivo para a economia geral do texto fazer um exercício de levantamento do tipo de *eros* filosófico (se de divulgação socrática se de divulgação platónica dentro do corpus, fica a dúvida) incluído em cada epístola, se é que nas cartas podemos encontrar uma transmissão directa da filosofia de Platão. E mais, a crer na existência de um *eros* filosófico, sendo no entanto as cartas consideradas apócrifas pela generalidade dos especialistas, de que modo poderia diferir o *eros* das epístolas do *eros* abrangido pelos diálogos aporéticos e de maturidade? Estes são alguns pontos que gostaríamos de ter visto resolvidos, embora o A. se não tenha furtado a beliscar alguns. Mais a mais, é certo que o A. desenvolve o argumento em torno de dois eixos principais, a ligação de Platão com Dion por um lado e com Dionísio de Siracusa por outro. Também identifica verbos e expressões comuns às cartas e aos diálogos cuja autenticidade hoje oferece poucas dúvidas, assim como alinhava comparações entre personagens de uns e de outros, para o que destacamos o paralelo Dionísio-Alcibíades: Dionísio é o amante tirano que pretende a exclusividade do amor de Platão. Discute-se nessa leva “romântica” uma espécie de amor “popular” e o filósofo vê-se amorosamente encurralado numa amizade a três eivada de ciúmes. Em suma, estamos perante um brilhante estudo de que se espera continuidade no futuro.

As cartas de Filóstrato têm debate na investigação seguinte da autoria de A. Pontoropoulos (pp. 119-43) à luz de uma “retórica do desejo” fundamentalmente *barthiana*. A cronologia relativa do *corpus philostratum* representa uma dificuldade acrescida para o A. (como para outros), assim como a definição de um corpo de cartas programáticas anteriores à Segunda Sofística. Teorias de epistolografia antiga e moderna, tensões entre micro-narrativas e macro-narrativas, continuidades e

descontinuidades temáticas e interpenetrações várias de motivos eróticos literários comuns a algumas cartas (como o tropo das flores para a beleza masculina, símbolo de erotismo) são preocupações que dominam as epístolas de Filóstrato e a leitura que acompanha o exercício hermenêutico.

Deixados o quinto e o sexto capítulos para trás, o sétimo traz, pela mão de A. T. Drago (pp. 145-57), um assinalável estudo à problemática figura de Aristaenetus e às epístolas de sua gesta. Herdeiras de uma impressionante memória literária que convoca figuras colossais da literatura grega e romana cujo trabalho é copiado *verbatim* (embora nem sempre), as cartas deste epistológrafo revelam-se manipuladas das mais curiosas formas: o efeito de plágio é por demais evidente. Mas Aristaenetus vai além de um mero efeito de cópia e imitação e a A. deste estudo vem zelosamente demonstrar, entre outras coisas, que, apesar de considerado insalubre até muito recentemente pelas academias, o contributo deste autor não deve ser desdenhado, porque riquíssimo em matéria de transmissão de trabalhos a ele anteriores (Safo, Arquíloco, Anacreonte, Eurípides, Platão, Menandro, Filóstrato, apenas para mencionar os principais). Arriscamos dizer que é o estudo que mais prendeu a nossa atenção e merece reconhecidamente o interesse que a comunidade académica lhe pode prestar.

O. Hodkinson (pp. 159-79) vem no oitavo capítulo debater a interessante possibilidade de a literatura Grega concebida na época Imperial se servir de modelos romanos a ela anteriores, contrariando a tradição académica que consensualmente estabelece como admissível apenas o caso inverso. Algumas epístolas de Filóstrato parecem estar dependentes das elegias latinas, como no caso da epístola 55 supor directa relação com *Fasti* de Ovídio.

A carta da rainha Hipsípila de Lemnos para Jasão encontra análise rebuscada a partir das *Heróides* 6 de Ovídio no capítulo nove com autoria de Z. Chadha (pp.181-99). O apelo a Júpiter no final da carta vem confirmar um ritual mágico posto em prática pela rainha que pretende amaldiçoar Medeia a que a A. dá o nome de “prayers for justice”. Para justificar o uso deste tipo de maldições diz a A. que quem as praticava podia na sua rotina não gozar de um *modus vivendi* activo ou agencial e que o ritual mágico servia muitas vezes o propósito de alterar esse estado passivo do agente para uma disposição mais vigilante. É um belíssimo e divertido capítulo que neste intervalo alivia a densidade temática e expositiva que temos acompanhado nas duas primeiras partes.

A terceira parte abrange quatro úteis estudos. O primeiro é de E. Marquis (pp. 203-21) e dedica-se às cartas amatórias de Alcifronte, categoria onde se incluem não apenas aquelas endereçadas às *hetairai*. Partindo de uma perspectiva comparatista entre as cartas (a que no final se junta um impressionante exercício de mnemónica temática e linguística), ficamos a conhecer, através de uma bem elaborada tabela de temas e resumos, o conteúdo das cartas que a A. seleccionou para integrarem o género amoroso. A variedade de sentimentos do vulgo é especialmente apelativa para o autor grego que, no fundo, produz conteúdo para um público de *literati*.

O capítulo onze traz uma proposta muito bem conseguida de M. Funke (pp. 223-35) sobre personagens femininas inseridas na ficção epistolar. Munida de uma declarada preocupação feminista e antropológica, a A. conta como estas personagens estão imiscuídas de uma certa retórica agencial, embora normalmente controlada por um escritor do sexo masculino. Comenta a A. que a escassez de literatura produzida por mulheres promove um espaço vazio pronto a ser ocupado por autores do sexo masculino, ao ponto de assumirem vozes femininas, quais ventríloquos, cujas condições a poesia elegíaca favorece. *In nuce*, um estudo compacto e muito agradável de se ler.

S. D. Smith (pp. 237-53) rumo à Antiguidade Tardia com um brilhante estudo à epístola 43 de Theophylaktos Simokatos. Para o intento a que se propõe, o A. separa as cartas de Theophylaktos em três categorias e assimila-as à tríade platónica da alma imortal, considerando a *República* como o *hypotexto* para dentro do qual desagua o imaginário de Theophylaktos. A esta mistura filosófica junta o A. um interessante comentário a *Sarrasine* de Balzac e à presença dominante do eunuco como figura meta-literária em epístolas variadas, assim acalentados pela fronteira das discussões sociais de género e sexualidade.

L. D. Corso assina o último dos estudos (pp. 255-81) com uma incursão ao Egípto Helenístico e Romano em procura de correspondências de índole amorosa travadas nesses períodos entre pessoas de várias facções sociais, tarefa assaz difícil devido aos poucos exemplares dessa pouco praticada corrente gráfica: parece não ser comum a troca de galanteios amorosos e sentimentais entre casais mais ou menos ortodoxos, salvo em condições excepcionais. O A. não elenca as cartas no início da análise e aborda-as de forma avulsa, embora concatenada; gostaríamos de ter visto outra organização que mais favorecesse a compreensão geral do capítulo.

O volume vem acompanhado de bibliografia actualizada e índices (nomes, tópicos e passos citados). Esperamos que estudantes, investigadores e professores tirem proveito de uma colectânea de estudos que reúne no mesmo grau ciência e qualidade para um tema pouco explorado.

Sílvia Catarina Pereira Diogo

ARTIS-IHA, Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa

ROBERT PARKER (2017), *Greek Gods Abroad. Names, natures and transformations*, California, University of California Press, 261 pp. ISBN 9780520967250 (180.95€).

Robert Parker, um dos académicos de referência no estudo da Religião Grega, traz-nos mais um dos seus estudos fundamentais sobre a religião antiga. Este livro é o fruto de três das seis “Spring 2013 Sather Lectures” (incluídas como capítulos 2 e 3 e apêndice H), agora revistas, a que se juntam quatro outros capítulos e sete apêndices.

No primeiro capítulo, Parker aborda os sistemas religiosos encontrados fora da Grécia. O autor examina ainda a interação entre a religião grega e as culturas do Mediterrâneo oriental e estuda o modo como as convenções gregas utilizadas para nomear os deuses foram adaptadas em todo o Mediterrâneo. Com efeito, ainda neste primeiro capítulo faz-se uma descrição desses processos, considerando-se que a grande mudança na utilização destas convenções fora da Grécia ocorre quando se verifica a necessidade de nomear os deuses não gregos em grego. Este capítulo tentará fazer um esboço do *status quo* do estudo dos nomes dos próprios deuses.

No segundo capítulo, designado por *Interpretatio*, o A. considera as convenções linguísticas aplicadas às divindades quando encontradas fora da Grécia. Contudo, Parker reconhece que há que considerar primeiro o processo que proporcionou a indispensável ponte entre as diversas culturas. O A. começa então por abordar estas convenções linguísticas através da análise da tradução da *Iliada* feita por Alexander Pope, no século XVIII.



CADMO

REVISTA DE HISTÓRIA ANTIGA

JOURNAL FOR ANCIENT HISTORY

Editor Principal | Editor-in-chief

Nuno Simões Rodrigues

OBJECTIVOS E ÂMBITO AIMS AND SCOPE

A *Cadmo – Revista de História Antiga* publica anualmente estudos originais e ensaios relevantes de “estado da arte” em História Antiga e de culturas da Antiguidade. Além disso, tem como objectivo promover debates e discussões sobre uma ampla variedade de temas relacionados com a História Antiga, e aceita propostas relacionadas com o mundo do Próximo-Oriente Antigo (Egipto, Mesopotâmia, Pérsia, corredor Siro-Palestinense, Mundo Bíblico e e Anatólia) e com o Mundo Clássico (Grécia, Roma e Mediterrâneo Antigo, incluindo a Antiguidade Tardia). São ainda considerados estudos sobre a recepção da Antiguidade e dos seus legados, historiografia e investigações com enfoque em outras sociedades antigas (como as culturas indianas, extremo-asiáticas e mesoamericanas). A *Cadmo – Revista de História Antiga* não considera o conceito de “Antiguidade” como exclusivo da civilização ocidental, mas uma construção historiográfica essencial para a compreensão da História Global. Recensões críticas de obras recentes serão também consideradas para publicação, bem como propostas de dossiers temáticos a publicar em números regulares da revista ou números temáticos a publicar em suplemento.

Cadmo – Journal for Ancient History yearly publishes original and peer-reviewed studies and findings, as well as relevant “state of the art” review essays, on Ancient History and the study of Ancient cultures. It aims to promote debate and discussion on a wide variety of subjects and welcomes contributions related to the Ancient Near-Eastern World (Egypt, Mesopotamia, Persia, Syro-Palestine area and Anatolia) and to the Classical World (Greece, Rome and the Ancient Mediterranean, including Late Antiquity). Studies on the reception of Antiquity and its cultural productions, historiography of the Ancient World, as well as submissions focusing on other Ancient societies (such as the Indian, Asian or Mesoamerican cultures) are also accepted. This journal does not consider the concept of Antiquity to be a notion restricted to western civilisation and its heritage, but an essential historiographic construct for our understanding of Global History. Reviews of recently published works on the aforementioned subjects are also welcome, as well as proposals for thematic dossiers to be published in regular issues or of thematic issues to be published as a supplement.

CH
-UL

CENTRO DE
HISTÓRIA
UNIVERSIDADE
DE LISBOA